GUIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARTICIPATIVA:

Memória, território e identidade

REFLEXÕES, RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E PROPOSIÇÕES EM EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO

TEXTO:
Raissa Faria, Eveline Xavier

DIAGRAMAÇÃO:
Raique Nicácio

IDENTIDADE VISUAL:
Mila Barone

EQUIPE:
Emanuela de Avelar, Priscylla Ramalho,
Isabelle Chagas, Eveline Xavier

OLÁ, EDUCADORAS E EDUCADORES!

Este material é um compilado de reflexões, relatos de experiências e proposições em Educação para o Patrimônio reunidos a partir das vivências da AIC em oficinas de Educação Patrimonial Criativa. Ele faz parte do "Programa de Educomunicação e Educação Patrimonial", realizado com recursos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais com patrocínio da Cimento Nacional, realizado entre 2021 e 2022.

Aqui, você encontrará uma perspectiva emancipatória de educação para o patrimônio como caminho de promoção da auto investigação e da autonomia dos estudantes em seus percursos reflexivos. Ao final deste guia, você encontra proposições metodológicas e de atividades práticas para a sala de aula.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Convencionalmente, aprendemos que patrimônio cultural é um conceito limitado apenas a designar os bens materiais e imateriais tombados ou registrados como símbolos das sociedades, como o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Cristo Redentor, as Pirâmides de Gisé, a Culinária Mexicana, e daqui a gente pode criar um sem-número de listas completamente diversas enumerando outros bens. Mas é bastante provável que você tenha uma sala cheia de alunos que não comam tacos no almoço, nunca viram o Cristo Redentor de perto, ainda menos uma pirâmide, e prefiram escutar K-pop, Paredão ou gospel e jogar Minecraft e Fortnite. Qual o sentido, então, de conversar com eles sobre patrimônio?

Na definição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, patrimônio cultural é um conjunto de "manifestações, realizações e representações de um povo" e está presente na forma como falamos,

nos nossos costumes e brincadeiras, nas músicas que cantamos, nos livros que lemos e nas festas que participamos. Ou seja, patrimônio cultural é aquilo que nos constitui enquanto sujeitos em comunidades partilhadas. É formado por nossa identidade, nossos territórios e nossas memórias.

Não dá para mensurar a potência de ter espaço e tempo de qualidade para pensar sobre nós mesmos, onde vivemos e de onde viemos. Uma educação patrimonial fundamentada nas experiências relacionais dos alunos, com seus lugares e com as comunidades que os cercam, é de suma importância para que eles tenham o direito de se conhecerem e se reconhecerem (ou não) nas representações que já estão colocadas socialmente. É igualmente relevante para que eles tenham o direito de conhecer sua história por suas próprias buscas, de serem capazes de narrá-la, de falarem sobre si sem medo e de ressignificarem as representações já colocadas.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
SEGUNDO O IPHAN

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca, estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação para o Patrimônio. A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural[1].

1 Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343.
Acesso em 19 de fevereiro de 2021. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SEGUNDO O IPHAN

ENTÃO, POR ONDE COMEÇAR ESSA CONVERSA?

Esses símbolos tombados ou registrados que mencionamos no início são o topo do morro. Para chegar lá, foi preciso entender como as sociedades surgiram e se organizam nos lugares ao longo do tempo, projetando o legado que deixariam para quem viesse depois.

Patrimônio não é coisa do passado, não se trata apenas de um símbolo estático de uma cultura, não é algo que parou no tempo. Também não é assunto apenas das aulas de Artes, História e Geografia. A cultura é agente criador e significante de todas as dimensões da vida das pessoas e suas comunidades – sejam elas físicas, digitais ou híbridas. Assim, a educação patrimonial é o meio para investigação e valorização de si mesmo, do território de pertença e de tudo que é criado a partir dali. É o caminho pelo qual nós e nossos alunos podemos nos empoderar da criação e narração de nossas próprias histórias.

As sociedades são anteriores, posteriores, identificadas com e ao mesmo tempo atravessadoras desses símbolos. Eles são essenciais para que não percamos de vista de onde viemos e para onde caminhamos. São importantes para entendermos os trajetos que escolhemos nesse percurso entre o ontem e o amanhã e porque caminhamos da maneira como caminhamos, o que vamos levar à frente e o que deixamos para trás.

IDEIAS PARA
NÃO PERDER DE VISTA

A escola é o espaço em que todos os conflitos, descobertas, vulnerabilidades e progressões dos estudantes desaguam, essa é mais uma forte demonstração de como a cultura é elemento transversal às experiências de todas as pessoas e não há razão para tratar desse assunto de maneira compartimentalizada e deslocada das realidades dos sujeitos. Por esse motivo, também acreditamos que trabalhar uma educação patrimonial que parta de leituras das realidades dos estudantes é mais efetivo e fará ainda mais sentido com o envolvimento de toda a comunidade escolar no processo. Por isso, gostaríamos de trazer dois conceitos para não perder de vista nesse trabalho.

Comunidades participativas

Envolver, no processo formativo, a comunidade que é detentora e produtora das referências culturais locais é fundamental. É importante mapear, dentro da própria comunidade escolar, pessoas que possam compartilhar com os estudantes informações e vivências dessas práticas. Um estudante que seja capoeirista, uma avó que é bordadeira, um funcionário da escola que faça parte de um grupo cultural, por exemplo. Além disso, também é importante mapear outros grupos e produtores culturais da cidade que possam ter esse diálogo com os estudantes. Envolver essas

pessoas de maneira que compartilhem suas experiências é um caminho importantíssimo para construir, de maneira coletiva, esse inventário das referências culturais locais e para a valorização da diversidade cultural e o fortalecimento da identidade local.

Territórios educativos

A rua de baixo pode ajudar a explicar a história da cidade, a capoeira da praça conta um pouco da formação do país, a biblioteca amplia o repertório e a experiência no museu ajuda a repensar a relação com os espaços e as possibilidades de ocupação e vivência dos estudantes nesses lugares. Olhar para o bairro e para a cidade em toda sua potência educativa é fundamental.

> *"...partir das referências culturais locais para, por meio delas, acessar processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes, em um registro no qual cada sujeito, a partir de seu repertório de referências, possa compreender e refletir, tanto sobre contextos inclusivos quanto sobre a diversidade cultural que o cerca" (IPHAN, 2014, p.27).*

Os espaços públicos e comunitários precisam ser potencializados como agentes formativos que são. Há muito, já entendemos que a instituição escolar não é o único agente educativo na vida dos estudantes. É preciso articular essas outras dimensões sociais da família, da cidade e dos agentes culturais de forma transdisciplinar, para promover a formação integral.

DESANUVIANDO
ALGUNS CONCEITOS

Referências Culturais

São os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores coletivamente e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. São os elementos da vida que aquele grupo, naquele território, identifica como importantes e compartilhados.

Inventário de Referências Culturais

É uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan para produzir conhecimento sobre as referências culturais dos territórios. Consiste em um mapeamento inicial, feito de forma colaborativa, com detentores e produtores culturais de territórios específicos, para a criação dessa lista de bens culturais importantes para aquele local.

É um passo inicial no processo de oficialização de determinadas manifestações culturais de um local como patrimônios registrados ou tombados.

Patrimônios Culturais

Os patrimônios culturais materiais são monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. O instrumento legal que reconhece, valoriza e fomenta a preservação dos patrimônios imateriais é o registro e os bens materiais é o tombamento. É muito importante lembrar, entretanto, que essa é uma divisão conceitual; na prática, as dimensões materiais e imateriais dos patrimônios estão sempre muito interligadas.

PATRIMÔNIO CULTURAL:
UMA UMBIGADA[2] DE TRÊS

Propomos, portanto, uma educação patrimonial que parta de uma investigação da nossa vida de todo dia. Para isso, consideramos que patrimônio cultural é fruto de uma umbigada entre três palavras (e seus significados) que constituem todo e qualquer sujeito deste mundo: memória, território e identidade.

2.Umbigada é um modo de dançar presente em boa parte das expressões de raiz afro-brasileira. É herança dos tempos de quilombo. Trata-se dos movimentos de aproximação e afastamento entre os quadris e os ventres dos dançadores que se encontram no centro da roda. Ela pode ser observada na prática tradicional que leva o mesmo nome, no samba de roda, no jongo, no samba de coco e em tantas outras.

Memória

Como e quanto as memórias que nos rodeiam
fazem da gente quem a gente é?
Como a memória do país e da nossa cidade nos constituem?
Como as memórias dos mais velhos com quem a gente cresceu,
dos nossos antepassados e comunidade nos integram?

Agora tente lembrar aí quem foi o melhor contador de histórias que você conheceu e como ele tecia os relatos e, por vezes, os repetia, recontava na esperança de que eles ficassem guardados nos ouvidos das outras pessoas.

Toda memória é uma narrativa, uma contação. Ela acontece no presente, numa tentativa do narrador de costurar experiências e registros do passado de uma maneira que faça sentido hoje e aponte um caminho para o futuro. Dessa maneira, os contadores das histórias escolhem quais elementos farão parte da narração e quais elementos vão ficar de lado. Ou seja, quem narra as histórias, intencionalmente, seleciona o que entra no registro e o que fica de fora sob o risco do esquecimento.

Para conversarmos com nossos alunos sobre o patrimônio cultural, nós precisamos admitir que não existe uma memória única, ou que a história contada em registros oficiais não é absoluta, nem neutra, e é uma versão de como as coisas aconteceram. É impossível que a diversidade das experiências carregadas pelos povos que aqui se

encontraram e se encontram, e que foram transmitidas através das gerações, estejam todas representadas na história oficial, sobretudo se considerarmos que a diversidade das pessoas que narraram a história oficial ao longo do tempo foi sempre menor que a dos povos que não puderam contar suas versões da história.

Olhando para as memórias de sua família e das famílias de seus alunos, de seus antepassados, de suas comunidades, quais elementos dessas memórias encontraram um lugar nas narrativas oficiais e quais foram deixados de lado?

Pensar o que as memórias contadas pelos patrimônios dos diversos territórios têm em comum com os nossos contextos e os contextos dos nossos alunos ajuda a entender os vínculos que temos com esses patrimônios e como eles, de fato, nos representam.

Essa reflexão também é um movimento de retomada e registro das memórias, ou das versões da história que estão constantemente sob o risco de serem apagadas.

Território

Quais saberes e fazeres da sua família e comunidade, transmitidos ao longo das gerações, têm relaçãodireta com características específicas dos lugares onde vocês estão, estiveram, se criaram?

Os patrimônios estão diretamente associados aos lugares, eles representam as relações construídas não apenas entre as pessoas sobre aquele solo, mas com o próprio espaço. O geógrafo Milton Santos defendeu que o território usado é *"o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência"* (SANTOS, 1999, p. 7). *É impossível apontar onde começa a natureza das comunidades e de seus sujeitos e onde termina a natureza do lugar, "não há uma formação social que também não seja espacial"* (QUEIROZ, 2014, p.156).

Portanto, a relação de mutualidade que as pessoas de uma comunidade têm com o lugar, com a terra e como aquele espaço, muitas vezes, é o que dá o tom dessas relações; a essas relações cotidianas e que vão migrando na forma de acúmulo de experiência e conhecimento de uma geração à outra é o que chamamos de cultura. E essa é a matéria por meio da qual o povo se reconhece.

Levando isso em conta, é importante trazer para a equação o fato de que também somos todos forasteiros. A história da humanidade é uma história de migrações e de traslados forçados, por isso, de encruzilhadas e cruzos. É nessas zonas de fronteira que as novas culturas eclodem da recriação das anteriores, tamanha é a potência das experiências que trazemos dos lugares por onde vivemos e que se reinscrevem em nós na forma de memória, esta memória agora transformada pela experiência com o lugar onde estamos no presente.

Não dá para conversar sobre patrimônio cultural de maneira efetiva sem assumir esse entendimento ampliado de cultura e abrir mão um pouco daquele outro, que hierarquiza as expressões dos povos entre mais e menos importantes, mais e menos ricas e que descola as experiências estéticas, artísticas e criativas do contexto de onde elas vêm. Entendendo aqui também contexto como essa costura entre território e as memórias.

Conversar com os alunos sobre o patrimônio cultural local pode apontar caminhos para que eles redescubram o território. Aqui deixamos mais uma pergunta: de que forma o patrimônio cultural pode nos ajudar a entender como o território também nos cria?

Identidade

Nossos alunos conseguem contar sobre si mesmos? E eles conseguem fazer isso a partir dos patrimônios culturais locais? Como eles se percebem na relação com esses patrimônios? Quais são as diferenças e quais são as identificações?

A identidade é sempre um exercício de relação, uma construção social resultado de um estranhamento nosso sobre nossa presença no mundo em relação a um outro. Sem o outro, sem a diferença, não existe identidade. Se o patrimônio é representação e símbolo da diversidade de identidades, ele, portanto, também é marca da diferença.

Uma educação patrimonial que parta de uma investigação sobre a identidade é um exercício de percepção da costura que o próprio sujeito realiza entre as memórias que o constituem e os lugares que ele habitou e habita. Ao mesmo tempo é um trabalho de estranhar, organizar e ressignificar seu próprio mural simbólico, entender o que de fato lhe representa e, como esse exercício só pode ser feito em relação / comparação com as diversidades, portanto é necessário ampliar o olhar. Constantemente desafiá-lo, tensionar as hierarquias entre o que está definido como "eu" e como "outro" nas sociedades e, para isso, acolher as diversidades sem silenciar as contradições, os dissensos e as controvérsias.

Conversar sobre patrimônio com nossos alunos a partir das noções de identidade e diferença pode ser um meio efetivo para que eles encontrem um lugar nessas representações que foram eleitas símbolos das sociedades, as ressignifiquem ou as transtornem. É também permitir que, a partir das investigações sobre si mesmos, eles encontrem espontaneamente esse lugar, ou criem seus espaços no referencial guardado nos símbolos, ao invés de impor-lhes compromissos arbitrariamente com as representações que estão dadas.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM PROCESSO:

COMO FAZER

O IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, que já citamos anteriormente neste material, é uma autarquia federal (ou seja, autogovernada) vinculada ao Ministério do Turismo. Ele foi fundado oficialmente em 1937 e, desde então, atua na preservação e conservação do patrimônio de cunho histórico, artístico e paisagístico no Brasil.

Resultado de uma série de experiências no trabalho com comunidades em todo o território nacional, o instituto sugere um percurso básico que nos apropriamos para guiar esse processo desafiador da educação patrimonial nas escolas. Nós o chamamos de Caminho de Investigação do Patrimônio Cultural. Esse percurso deve funcionar como uma bússola, apontando direções ao longo do trabalho. Assim como as culturas e suas representações, esse percurso não é estático nem seu formato é definitivo, antes é mais uma espécie de fluxo, fluido, totalmente passível de adaptações de acordo com cada contexto, situação e objetivo de aprendizagem. Enquanto fluxo, nem sempre ele acontece de maneira linear na prática e muitos de seus elementos são transversais a todo processo. Contudo, estão aí sinalizados para nos ajudar a observar movimentos importantes que precisamos fazer nas formações com os estudantes sobre cultura e patrimônio.

CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

1 MAPEAMENTO
(OU OBSERVAÇÃO)

É um trabalho de levantamento que ajuda a visualizar e entender como determinados elementos estão organizados num determinado espaço. Não estamos falando de ações de levantamento que se limitam apenas em descrever o espaço físico, concreto, geográfico, mas que promovam descobertas e reflitam sobre os usos, as experiências das pessoas e comunidades que acontecem em um lugar.

Para essas ações de mapeamento podem ser feitas perguntas sobre os estudantes, sobre suas histórias, suas memórias, suas relações com o território, ou seja, olhar novamente para o cotidiano com lentes investigativas e curiosas. Identificar o que já existe latente ali e o que as pessoas envolvidas no processo vão entendendo como elementos importantes, que os instigam, que chamam a sua atenção, que os afetam.

ATIVIDADE SUGERIDA

Mapa Afetivo:

O Mapa Afetivo, diferentemente das cartografias convencionais, está mais comprometido com a representação que as pessoas envolvidas farão das suas relações com o espaço, seu modo de olhar para um determinado contexto e as respostas que elas conseguem dar para as perguntas disparadoras do levantamento.

Mapas Afetivos podem ser feitos individualmente e terminarem por aí, ou podem ser feitos individualmente e reunidos depois num grande mapa, ou ainda, serem feitos em grupos. Quanto mais colaborativa for sua concepção e criação, mais rico ele será. Juntos, os estudantes podem encontrar e enumerar mais elementos e as negociações que resultam dos estranhamentos que a experiência de cada um traz ampliam as descobertas dos outros sobre o próprio território.

Sugestões de materiais:

Folhas de Papel a4, lápis de escrever, borrachas, canetas poscas ou canetinhas, caixas de giz de cera pastel oleoso, 2 pedaços de americano cru ou outra superfície para criação do mapa, retalhos de tecidos coloridos, barbante colorido, cola branca, pincel, cola quente e pistola, verniz spray fixador acrilex fosco (para garantir a fixação do trabalho feito por mais tempo). Mapas diversos para serem apresentados como exemplo para os alunos.

METODOLOGIA:

1) Conhecendo mapas diversos:

Explicar sobre diversos tipos de mapas, incluindo aqueles que não são apenas geográficos e trazem referências afetivas. Pesquise por "mapas afetivos", em seu navegador, essa prática tem sido cada vez mais acionada e explorada em processos de mediação. Uma referência bacana são os Atlas Subjetivos da Annelys de Vet: https://issuu.com/annelys

2) Desenho individual:

Lançar uma pergunta disparadora definindo quais espaços serão mapeados, por exemplo "O que tem no meu caminho de casa até a escola?". Na sequência, determine junto com o grupo o assunto do mapa. Mapas são criados com objetivos bem definidos, há mapas hidrográficos, mapas do relevo, dos tipos de vegetação, entre outros. Da mesma forma é essencial definir antes o que vocês querem mapear: serão expressões da cultura local encontradas no espaço anteriormente delimitado; os moradores mais antigos do bairro; as casas mais antigas do bairro; as lendas; locais onde ocorrem as festas juninas; quais árvores frutíferas ou quais os tipos de planta eles reconhecem; quais os lugares que mais gostam, ou que trazem as melhores lembranças... Enfim, os temas podem ser diversos. Pode

ser um mapa só de casas, só de árvores, só de festejos, ou de tudo isso junto. Definido o assunto, peça aos participantes que representem personagens, cheiros, barulhos, pessoas, elementos naturais, ou grupos culturais associando aos lugares.

Os estudantes, individualmente, terão 15 minutos para essa ilustração com lápis de escrever e depois em roda discutem sobre os elementos em comum que apareceram nos diferentes mapas. A proposta aqui é fazer uma ilustração mais rápida que posteriormente poderá ser finalizada com cores e detalhes.

3) Criação coletiva do mapa:

definidos os lugares e outros elementos que entrarão no mapa, para orientar o posicionamento das ilustrações começamos a atividade marcando com post-it, ou com um papel de rascunho, o que será colocado em cada local da superfície escolhida. Em seguida, os elementos ilustrados individualmente são transferidos para essa superfície e o grupo segue acrescentando mais detalhes que julgar necessários.

4) Após a criação do mapa, promovemos uma roda de conversa com algumas perguntas disparadoras, como:

• *Vocês descobriram coisas novas sobre a cidade ou a região que não sabiam antes?*

• *Entre as coisas que mapeamos, vocês consideram algumas (ou todas) importantes e valiosas para ajudar a dizer sobre quem vocês são e contar as histórias de vocês? Será que podemos chamá-las de patrimônios culturais?*

BARRA
DOS
COQUEIROS
RUA ROMONGA

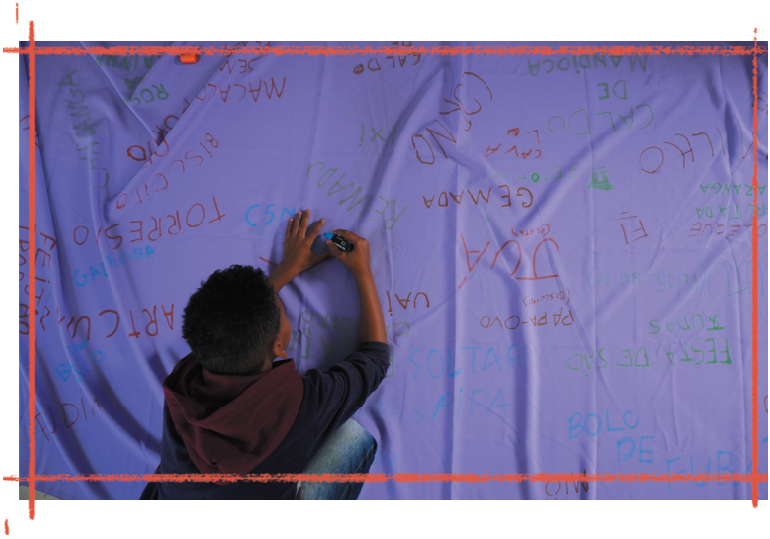
BRUMADO
BAHIA
LINHA
QUADRA DE BALEARO
ESCOLA

PROJETO

OUTRAS ATIVIDADES DE MAPEAMENTO:

Mapa de Palavras

Seguindo a mesma metodologia de levantamento para o Mapa Afetivo, podemos criar um Mapa de Palavras representativo do lugar onde vivemos. Pode ser um mapa de gírias, um mapa com nome das frutas e comidas típicas dali, um mapa com nome das plantas que são encontradas nas hortas e quintais, um mapa com expressões culturais e festejos tradicionais locais, ou ainda um mapa com nome de pessoas importantes para a história dos alunos e da comunidade.



Deriva

Deriva bem ao pé da letra significa desvio de rota. A deriva como exercício de mapeamento é uma proposição que foca no reconhecimento e nas descobertas sobre elementos dos lugares. Quando você tem uma rota a cumprir o objetivo é ir direto do ponto de partida ao ponto de chegada no menor tempo possível, com isso, há poucas oportunidades de apreciar e estranhar os espaços. Na contramão, a deriva está comprometida apenas com a observação. No entanto, nesse exercício é importante ter alguns comandos: você pode propor uma deriva de ilustração de elementos do espaço, uma deriva fotográfica, ou uma deriva sonora. Por exemplo, peça que os alunos listem quais sons mais escutam no caminho de casa até a escola;

quais cores mais veem; uma construção que nunca haviam reparado, ou uma árvore ou planta que chamou mais atenção; qual a morada mais antiga e qual é a mais nova; quais texturas conseguem identificar; existe algum espaço cultural no caminho (no sentido amplo, pode ser um museu, uma escola de dança, mas pode também ser a casa de uma benzedeira, de uma doceira, uma igreja ou um terreiro).

ALGUMAS REFERÊNCIAS:

Videoaula Desenho com Janela Mágica:
https://conexaocomunidade.org.br/material-escola/desenho-com-janela-magica/

Videoaula Fotografia com Janela Mágica:
https://conexaocomunidade.org.br/material-escola/fotografia-com-janela-magica/

Rodas de Histórias

As rodas de histórias podem ser organizadas com objetivos diversos, uma finalidade interessante aqui pode ser o compartilhamento de linhas do tempo pessoais. Peça aos alunos um Para Casa em que, juntamente com as pessoas que vivem na mesma moradia, ele construam uma linha do tempo que conte a relação de sua família com o lugar onde moram, e se não vivem ali há muito tempo, podem contar sobre os lugares por onde passaram até

chegar ali. A roda de histórias será o momento de partilha dos relatos colhidos com as linhas do tempo. Os estudantes podem criar uma linha do tempo num papel ou cartaz, com representações visuais dos marcos importantes dos relatos. Depois do compartilhamento em roda, as linhas do tempo podem ser afixadas nas diversas paredes da sala de aula e os alunos podem ligar os pontos semelhantes das linhas do tempo, por meio de barbantes formando uma grande "teia de histórias" e se assentarem (ou, por que não, se deitarem) sob a teia para observá-la.

2. REGISTRO

Este é o momento para trazer concretude às descobertas, reflexões e questões que emergiram no trabalho de mapeamento. O registro das descobertas do mapeamento de forma material e visível, torna mais eficaz o exercício de síntese a respeito do que se descobriu, ajuda a fixar bem para lembrar e compartilhar depois, aprofunda esse estranhamento sobre o cotidiano e o entorno que vão favorecer um sentimento de pertença e valorização identitária.

Nesta fase estamos falando de atividades que busquem captar os detalhes do que foi colhido no levantamento e ainda trazer essa camada de criação estética / artística como vazão da interpretação dos estudantes resultado das perguntas e investigações que surgiram no mapeamento.

O próprio Mapa Afetivo opera esse registro, mas trazemos aqui outra proposta.

ATIVIDADE SUGERIDA

Criação de cartões postais com técnica de recorte e colagem

Por meio dessa criação os estudantes podem ilustrar paisagens importantes e afetivas para eles do território, expressões culturais, cenas cotidianas, fazeres tradicionais e saberes dali. A ideia é que o material apresente a ilustração na frente e, como o postal tradicional, conte com uma descrição no verso elaborada pelo mesmo aluno, trazendo mais detalhes sobre o assunto ilustrado.

Sugestões de materiais:

Lápis, borracha, papel branco 250g (pode ser cartão ou AP), retalhos de papéis coloridos, tesouras, cola branca líquida, pincéis para colar imagens maiores, canetas hidrográficas pretas 1,0mm

METODOLOGIA:

1) Apresentamos um pouco sobre a história do cartão postal, o formato e para que é utilizado. É legal mostrar postais da própria cidade se existirem, ou de algum outro município próximo que os alunos conheçam mais. Daí, convidamos os estudantes a voltarem nos elementos levantados na fase de mapeamento e escolherem entre esses elementos o que mais lhes chamou a atenção e que gostariam de contar para pessoas que vivem em outros lugares.

2) Cada estudante deverá definir até 2 elementos que irão trabalhar em seus cartões postais.

3) Apresentamos alguns exemplos de criação visual utilizando a técnica da colagem.
Você pode acionar essas referências na aula: https://conexaocomunidade.org.br/material-escola/colagemcom-formas-geometricas/

4) Por meio da técnica de colagem, os estudantes devem criar 2 cartões postais, com a temática definida anteriormente.

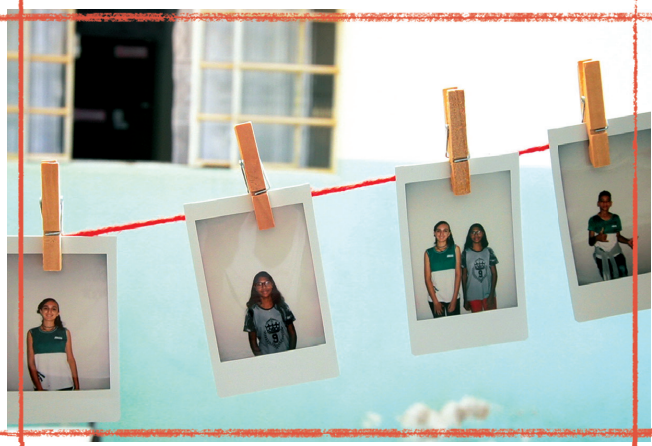
5) Após a criação das ilustrações, cada estudante deve escrever um pequeno texto contando sobre o tema do postal. Essa escrita pode ser mais descritiva ou mais poética. O texto virá na parte do verso do postal. É importante respeitar a linguagem e o modo do aluno organizar sua escrita nesse momento, o professor será sempre figura mediadora importantíssima, mas devem ser evitadas intervenções que tentem modular ou formatar a interpretação e expressão dos alunos.

OUTRAS ATIVIDADES DE REGISTRO:

Séries fotográficas

Uma possibilidade muito interessante de atividade de registro é o exercício de criação de séries fotográficas sobre os elementos já mapeados, que fujam do convencional. Se os elementos são objetos, paisagens ou construções, os alunos podem fazer séries fotográficas registrando as características que mais lhes chamam a atenção nesses elementos: texturas, padronagens, cores, marcas da passagem do tempo, a parte mais alta ou a parte mais baixa, algo que demonstre como aquele elemento é próprio ou resultado daquele território. Se os assuntos mapeados envolverem pessoas, podem ser feitas séries de retratos dessas pessoas segurando objetos afetivos e que demonstrem sua relação histórica com aquela comunidade, com aquele território ou com seu fazer cultural de tradição.

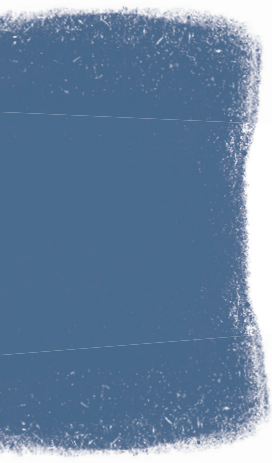
Uma referência legal é o trabalho de Foto-performance Popular, do artista Alex Oliveira:
https://www.premiopipa.com/alex-oliveira/



Palma.
CANJA
DE
GALINHA

Criações sonoras

Como ação de registro do mapeamento sonoro de um lugar, a turma pode criar uma série de paisagens sonoras captando os sons cotidianos dos diversos espaços do território e organizá-las em uma verdadeira cartografia sonora. Essa cartografia pode ainda virar uma série de podcasts, ou um programa de rádio. As paisagens sonoras podem vir intercaladas com entrevistas de moradores que contem um pouco sobre a história daquele lugar, com pessoas que desenvolvam ofícios relacionados com algum tipo de produção sonora (cantores, músicos, luthiers, capoeiristas, comunidades de terreiro, mas também rezadeiras, serralheiros, mecânicos) onde os sons foram captados, ou ainda entrevistas curtas com diversos moradores contando sobre os sons que eles mais costumam ouvir naquela rua.



TRÊS BOAS REFERÊNCIAS SÃO:

Os Mini Mapas Sonoros, da Braga Media Arts:
https://www.bragamediaarts.com/pt/projetos/detalhe/mini-mapa-sonoro/

A Cartografia das Memórias:
https://cartografiadasmemorias.org/

E o curta-metragem A Clave dos Pregões, que mostra uma cartografia sonora em processo:
https://www.youtube.com/watch?v=zfNvm8dRGiI&ab_channel=DubColor

bom dia!
posso medir a
sua temperatura?
claro!
chegou o nosso almoço!
ups..
aqui está
o Miguel!
olá!
tudo bem?
prontos para ensaiar
o concerto de Natal?
o telefone está a tocar!
quem pode atender?
eu atendo
atenção!
vem aí
uma mota!
vamos lá começar!
1
2
3
4
OLÁ!
CERCI Braga
que grande festa!

3. EXTRAPOLAÇÃO

A partir do que já se mapeou e registrou, extrapolar as descobertas é aprofundar a investigação nos assuntos que mais interessaram ao grupo. Imaginemos, por exemplo, que no mapeamento se descobriu um movimento de capoeira no bairro e muitos ficaram interessados em saber mais sobre isso. Na fase de registro criaram um cartão postal sobre o grupo de capoeira e, agora, na extrapolação, os estudantes podem pesquisar mais a fundo essa manifestação cultural.

A fase de extrapolação fomenta a criação de vínculos com o território e com as experiências que acontecem ali. Exercícios de extrapolação são o que de fato permitem a ampliação dos horizontes. É o arremate entre as descobertas do mapeamento, o reconhecimento inerente a fase de registro e agora a oportunidade de mergulhar um pouco mais fundo nesses elementos.

ATIVIDADE SUGERIDA

Entrevista espelhada:

A entrevista entra não tanto como exercício de estranhamento, o que já aconteceu nas outras fases, mas como exercício de aproximação. Continuando com o exemplo do movimento de capoeira, a entrevista nesta fase seria um meio não apenas de ouvir mais sobre essa prática brasileira que é Patrimônio Imaterial da Humanidade, mas de investigar como situações da vida do mestre de capoeira muito similares as vividas pelos alunos naquele bairro acabaram por fazer com que o mestre se envolvesse com essa prática; ou como essa prática ajuda a contar a história daqueles alunos também, ainda que eles nunca tenham participado de uma roda; ou ainda como as pessoas veem a capoeira e o que ela é de fato e a partir daí refletir sobre situações similares de preconceito a que capoeiristas e estudantes já tenham sido submetidos.

Sugestões de materiais:

Uma folha de papel em branco para os alunos anotarem as perguntas, um gravador de voz ou de vídeo para registrar a conversa, que poderá também ser registrada em papel na falta de dispositivos móveis.

METODOLOGIA:

1) Cada aluno pode entrevistar uma pessoa

sobre um elemento importante que apareceu na fase de mapeamento e que ele tenha trabalhado no momento de registro, ou eles podem se organizar em grupos e elegerem um assunto ou pessoa para essa entrevista. É interessante também que eles dividam as funções entre si: um pode cuidar do roteiro, outro do agendamento, outro pode ser o entrevistador, o câmera, o responsável por anotar ou por gravar, por exemplo.

2) Os estudantes devem criar a pauta da entrevista,

anotando em um papel o que gostariam de saber sobre aquele assunto e sobre aquela pessoa. Importante reforçar que a atuação do professor é de mediar e instigar a curiosidade e não de definir a pauta por eles ou enunciar as perguntas. Os alunos devem criar perguntas fáceis e perguntas difíceis, não precisam ter medo de perguntar, mas devem questionar sobre coisas que realmente queiram saber e não o que acham que deveriam perguntar. Ao mesmo tempo, é importante que essa lista de perguntas não seja muito longa para que os participantes não acabem cansados ou se distraindo. E não é problema nenhum se durante a entrevista novas perguntas surgirem e alguma que estava listada for deixada de lado.

3) Antes de agendar com o entrevistado, os alunos devem responder a essas perguntas

em um exercício de imaginar o que o convidado responderia. Se forem gravar o áudio ou filmar a entrevista, essa é uma boa oportunidade para ensaiar e testar os equipamentos. As respostas dadas pelos estudantes devem ficar guardadas até depois da entrevista com o convidado.

4) Os alunos, então, agendam com o entrevistado, se apresentam, pedem autorização para registrar a entrevista, preparam o local. Eles devem ser gentis, mas curiosos, e devem se manter atentos durante toda a entrevista. É muito importante ter certeza que gravadores, câmeras e anotadores estão registrando tudo.

5) Depois da entrevista, eles devem comparar as respostas dos entrevistados com as respostas imaginadas e a partir dessa entrevista espelhada conversar entre si sobre os pontos mais surpreendentes e interessantes, o que eles imaginavam e o que nunca imaginaram sobre o convidado e o que ele contou, e se a entrevista gerou ainda mais curiosidade sobre as práticas do entrevistado.

OUTRAS ATIVIDADES DE EXTRAPOLAÇÃO:

Pesquisas

Pesquisas não precisam estar isoladas apenas ao momento inicial de levantamento. Elas devem acontecer ao longo de todo o processo de investigação. A internet colocou um mundo inteirinho na palma da mão e os sites de pesquisas podem ser uma fonte riquíssima de informações, desde que a busca seja bem direcionada e fundamentada (cuidado com as fake news). Mas livros, bibliotecas e todo o conhecimento guardado nas memórias e oralidade de pessoas mais velhas abrem portas para novos universos. É importante considerar que as atividades de pesquisa não são um meio para encontrar uma fonte única de informação, mas que elas ajudam a diversificar as narrativas, tensionar as crenças pessoais e as histórias únicas, checar fatos e seguir ampliando os horizontes e repertórios.

Dessa vez não deixamos uma referência de exercício de pesquisa, mas uma reflexão sobre a importância da ampliação dos horizontes:

Chimamanda Adichie
O perigo de uma história única

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-3756

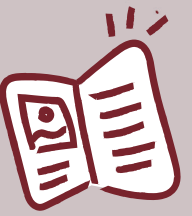
Visitas

Quase todo território guarda um elemento simbólico para a cultura do lugar e memória comunitária. Pode ser um museu, um prédio histórico, mas pode ser uma pessoa detentora de um saber importante para contar a história daquela região. E nada como beber direto da fonte. Depois das fases de mapeamento e registro, pense em possibilidades de visitas a esses espaços de cultura e eleja destinos juntamente com os alunos. Pode ser uma visita a um lugar, a uma pessoa, ou ainda a um evento, mas é importante que essa visita seja uma continuidade de um processo que já venha despertando o interesse da turma, não seja uma vivência isolada e aleatória. Quanto mais imersiva for a experiência da visita mais vínculos os estudantes tendem a criar com o elemento visitado.

É mirando nessa experiência imersiva que essas duas iniciativas estão repensando as maneiras e espaços de se fazer um museu:

Museu da Beira da Linha do Coque:
https://museudabeiradalinhadocoqueblog.wordpress.com/

Museu das Remoções:
https://museudasremocoes.com/



4. APROPRIAÇÃO

A apropriação, assim como os outros movimentos, vai acontecendo ao longo do processo. Contudo, para alimentar esse sentimento de pertencimento e o envolvimento afetivo dos participantes com os patrimônios explorados é fundamental termos momentos e produtos de culminância que sejam memoráveis e sintetizem a experiência vivida, fortalecendo essa apropriação.

A apropriação acontece não apenas quando o estudante reconhece o que descobriu no percurso e como isso modificou algo nele, mas também, quando isso é reconhecido e compartilhado com a comunidade escolar. Quando sua produção é reconhecida por seus pais, professores, demais alunos e comunidade local, não só os estudantes saem fortalecidos, mas, muitas vezes, a percepção que esses atores têm a respeito dos estudantes e a respeito dos patrimônios locais também é modificada.

Essas experiências contribuem para a potencialização de uma educação mais integral e com foco na autonomia do estudante e são uma maneira de trazer conclusão para o percurso de investigação e de criar oportunidades para que os alunos partilhem suas descobertas e construções agora como pertencentes dos elementos investigados.

Sugerimos para este momento a criação de produtos, como zines, jornalzinhos, podcasts, ou vídeos que narrem esse processo, suas descobertas, reflexões e conclusões, reunindo registros relevantes de todas as fases. É importante que eles sejam elaborados pelos próprios alunos como resultado de todo o percurso. É importante também prever um meio de compartilhamento desses produtos: os zines e jornalzinhos podem ser distribuídos de casa em casa, na porta da escola, na feira do bairro; os podcasts e vídeos podem circular nas redes sociais e aplicativos de mensagens dos alunos e da escola e assim ganhar outras redes (importante que não sejam muito longos).

Outra sugestão é a produção de um evento, como um festival de encerramento, aberto à toda a comunidade escolar e do entorno com exposição das produções de cada uma das fases. Fazedores de cultura locais também podem se apresentar, ou podem ser organizadas rodas de conversa com esses fazedores. Pode ser um momento bacana também para uma feirinha de artesanato ou de culinária local.

QUER SABER MAIS
SOBRE A GENTE?

Este projeto é realizado pela Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC, conta com parceria da Prefeitura Municipal de Matozinhos e é patrocinado pela Cimento Nacional por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais.

A Agência de Iniciativas Cidadãs - AIC é uma organização da sociedade civil sediada em Belo Horizonte/MG, que há quase 30 anos atua pelo fortalecimento de inciativas comunitárias, pelo acesso aos meios e recursos para produção cultural e pela democratização da comunicação.

O material foi desenvolvido no contexto do “Programa de Educomunicação e Educação Patrimonial”, que leva às escolas da rede pública de Matozinhos, ações de mobilização e formação de estudantes.

O projeto prevê a sensibilização para o patrimônio pré-histórico e histórico local, rico em cavernas e sítios arqueológicos. A iniciativa aposta na educomunicação como instrumento de elaboração e divulgação do conhecimento acerca da temática. O público participante tem contato com os bens naturais e culturais locais, ao mesmo tempo em que são sujeitos produtores de conhecimento e difusores desse rico patrimônio.

Dessa forma, o projeto cria espaços para reflexão, qualificação evfortalecimento dos fazeres de comunidades escolares e agentes culturais voltados a salvaguarda e transmissão de patrimônios locais. Por meio de oportunidades formativas, fomenta ações colaborativas artísticas, de comunicação e mobilização social para o incremento da memória comunitária.

O "PROGRAMA DE EDUCOMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL" É ORGANIZADO EM CINCO FRENTES DE AÇÃO:

1) Diagnóstico do contexto local: reuniões com gestores estaduais e municipais de educação para identificar as 16 escolas públicas de Matozinhos que irão participar do programa e, ainda, para levantar as ações de educação patrimonial que já são realizadas por essas escolas públicas que serão atendidas pelo projeto;

2) Visita Virtual – Fazenda Bom Jardim e Gruta do Ballet: expedição virtual 360º pela Fazenda Bom Jardim e Gruta do Ballet, de forma gratuita, através do site: matozinhos.educacaopatrimonial.org.br;

3) Kit Impresso – Expedição à Fazenda Bom Jardim: para garantir o acesso aos conteúdos a todos os alunos, independentemente de terem acesso à internet, foi criado o kit, distribuído a todos os alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental 1 e dos primeiros anos do Ensino Fundamental 2, contemplando as idades de 9 a 12 anos. O Kit contém: o documentário "Para Nossa Terra", que trata de todos os pontos de interesse histórico

da Fazenda; mapas lúdicos com informações sobre a Fazenda e QR code de acesso ao portal; e roteiros de atividades para professores aplicarem com os estudantes à distância.

4) Oficinas à distância de Educação Patrimonial Criativa para estudantes: kit impresso de atividades à distância para os mesmos 1920 alunos que participaram da expedição virtual à Fazenda Bom Jardim. Os estudantes contarão também com oferta de tutoria à distância para a realização das atividades. O kit contém: um guia de atividades autoinstrucionais; e um material anexo com proposições criativas.

5) Kit Guia de Educação Patrimonial participativa: Kit distribuído às escolas participantes do projeto com guia de educação patrimonial participativa, jogos de educação patrimonial e, ainda, uma coleção de fanzines sobre o assunto produzidos a partir das atividades feitas pelos estudantes.

SOBRE A CIMENTO NACIONAL:

A Cimento Nacional é uma empresa de cimento com fábricas localizadas em diversas cidades do país, sendo elas: Sete Lagoas, Arcos, Matozinhos e Santa Luzia (Minas Gerais); Pitimbu (Paraíba); e Cantagalo (Rio de Janeiro). Todas as fábricas possuem compromisso com a produção de qualidade, a inovação nos processos e a sustentabilidade, que é evidenciada pelo uso extensivo de combustíveis alternativos.

A empresa, que atende demandas tanto do segmento do varejo quanto do industrial, possui unidades fabris da Cimento Nacional estão estrategicamente distribuídas pelo país, localizadas próximas dos locais de mineração própria e com acesso facilitado às principais vias de escoamento da produção.

Para saber mais sobre a Cimento Nacional, acesse www.cimentonacional.com.br, ou ligue para a Central de Atendimento ao Cliente (CAC): 4020-0908 (Capitais e Regiões Metropolitanas), 0800 201 0021 (Demais Regiões).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura, Educação e Interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. (Orgs.). O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Histórico, conceitos e processos. IPHAN. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). Patrimônio Mundial: Patrimônio Mundial Cultural e Natural. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). Patrimônio Mundial: Patrimônio Mundial Cultural e Natural. [S. l.], 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29#:~:text=O%20patrim%C3%B4nio%20cultural%20%C3%A9%20composto,e%20a%20riqueza%20das%20culturas. Acesso em: 26 abr. 2021.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de milton santos. Para Onde? Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. (154 - 161), ago / dez, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/61589. Acesso em: 15 jun. 2021.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino. Pedagogias das encruzilhadas. Revista Periferia: Educação, Cultura e Comunicação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504/24540>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-13, set. 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

CA: 2018.13605.0082

Patrocínio:

CIMENTO NACIONAL

Apoio:

SUBSECRETARIA DE CULTURA E TURISMO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

PREFEITURA MATOZINHOS
A CIDADE QUE AVANÇA!

Realização:

AIC

CULTURA E TURISMO

MINAS GERAIS
GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.